

A CRISE

Para si que viu o título e não passou adiante, imagino o que lhe passou pela cabeça: “mais um”; “outra vez”; não terá mais de que falar”; “já chega”; e... por aí fora.

É verdade, tem razão, mas, por mais que se diga ou deixe de dizer, também a crise é uma “questão de vida”. E de que maneira...

O lugar comum da crise, a actualidade e a frequência com que dela falamos, a banalidade ou a seriedade que lhe atribuímos não nos podem impedir que dela falemos.

Por definição, toda a crise, seja ela económica ou política, social ou moral, partidária ou governamental, é uma situação anormal e grave, uma conjuntura perigosa e aflitiva que, em geral, sai do curso normal da vida, naquele aspecto em que a consideramos.

Se pensarmos que só o facto de vivermos, de estarmos vivos, é um risco, podemos concluir que a crise faz parte da vida do dia a dia. Viver é estar em crise permanente. E se formos à raiz da palavra de origem grega-“crisis”- “acção ou faculdade de discernir ou julgar”- ainda concluimos, e com mais razão, que viver é estar em crise, porque estamos permanentemente a discernir e a avaliar, a julgar e a reavaliar.

É bom, faz-nos bem reflectir sobre isto, porque, por mais que nos aborreçamos com a situação crítica em que, a todos os níveis, estamos envolvidos, esta é a verdade e só a verdade liberta.

Não é a nossa vida uma permanente superação de crises para crescermos, vivermos e até sobrevivermos? E não é, como a grande dor, que a grande crise nos faz ou pode fazer maiores?

Mas, pensemos um pouco. A crise está aí. E, como em todos os problemas que se nos deparam, temos de a resolver. Onde? Como? Nas suas consequências ou nas suas causas? À primeira vista e por nos parecer mais fácil, vamos às consequências. Na resolução dos nossos problemas, sejam eles individuais ou familiares, sociais ou morais, temos de procurar a origem dos mesmos, ir à fonte de onde procedem, procurar as mais sérias e profundas causas que desencadearam toda a situação.

Todos somos tentados a resolver o problema da falta de dinheiro com mais dinheiro, a crise política com outra política, a crise económica com uma forma diferente de fazer economia. Sempre pelo lado mais fácil. Mas não chega. Esta crise, como muitas outras, tem raízes bem mais profundas e que se encontram no comportamento das pessoas, no fundo do coração de cada um de nós e que é a ausência dos valores ditos universais que, através da História, fizeram grandes os grandes homens e que, sem distinção de qualquer credo político ou religioso, todos respeitamos e admiramos: acima de tudo, o respeito pela dignidade da pessoa humana e todos os valores que dizem respeito à vida e à verdade, à justiça, ao amor e à paz.